(Aba esquerda do livro)

Nesta instigante obra, o autor nos convida a despertar para a reflexão filosófica, abrindo um pouco da sua alma ao dissertar sobre os mais variados temas do seu e do nosso cotidiano.

Summa Philosophica é um livro rico, provocante, questionador, estimulante e, ao mesmo tempo, conservador, que reúne com brilhantismo todo o conhecimento do autor.

Abordando assuntos como família, profissão, religião, cultura, Estado e sociedade, Minikovsky consegue levar o leitor a interagir com estes temas projetados em seu próprio ambiente, convocando-o a despertar para a reflexão transformadora do mundo ao qual foi

inserido e do qual pode ser retirado a qualquer momento.

O autor nos mostra que a busca pelas respostas reside na fé e nos estudos, e que o homem nada mais é do que o fruto de sua própria imaginação. E você, o que está imaginando agora?

Vinicyus Rodolfo Wiggers
Doutor em Engenharia Química pela Unicamp

MINIKOVSKY, Cléverson Israel. **Summa Philosophica**. Volume 1, 2, 3, 4 e 5. São Paulo: Clube de Autores, 2011.

DEUS SEJA LOUVADO!

CLÉVERSON
ISRAEL
MINIKOVSKY

SUMMA PHILOSOPHICA

SANTA CATARINA – BRASIL

DEDICATÓRIA

*AMATORIE, PATRE NOSTRO: ALVINO MINICOVSKI, IN MEMORIAM (*21/08/1947 - †22/08/2010) MEU PASSADO*

UXORI DILECTISSIMAE: SÔNIA MARIA VARELLA MINIKOVSKY- MEU PRESENTE

FILIOLO CARISSIMO: MATEUS LEVI VARELLA MINIKOVSKY – MEU FUTURO

RETRATO DO AUTOR



Arte fotográfica e computadorização de Patrick Vicente.

História de Família

Um dos governantes que resistiram na história polonesa foi o rei Jan Sobieski, acredita-se que tenha reinado com o apoio da casa dos Minikovsky, o qual não apenas restaurou as fortunas do seu próprio reino depois de um período de declínio, mas ainda salvou seu território do comando da Turquia e a região da Europa Central. Jan nasceu em 1696 dentro de uma família inicialmente menos nobre. Contudo, seu pai Jakob tinha ganhado oficialmente da corte real e recebido eventualmente o posto do Castelo de Cracóvia, juntamente com os membros seniores do Senado Polonês. Jan Sobieski recebeu uma boa educação e, como era costume entre os nobres jovens da Polônia, ele visitou as terras do Oeste Europeu. Os suecos invadem a Polônia em 1655 e Sobieski protamente se torna o líder das forças polonesas opondo-se a eles, em cujas fileiras conheceu os bravos membros guerreiros da família Minikovsky. Ficou no comando das armas polonesas. A vitória

sobre os cátaros e cossacos da Ucrânia em outubro de 1667 consagrou Sobieski no posto de Comandante-Chefe em 1668. Ele confiou ser eleito como o sucessor para o reino de Jan Casimir e quando os nobres decidiram entronizar Michal Wisniwiecki, a esposa francesa de Sobieski retornou para o seu reino para procurar suporte de Luís XIV para oferecer a monarquia de Jan. No curso do reinado de Michal ele pouco reinou, Sobieski homem mais batalhador contra os cossacos e, aproximadamente alguns dias após a morte de Michal em novembro de 1673, Jan alegra-se com um grande triunfo sobre os turcos próximo a Chacin.

Resultando a aclamação pública, um sentimento sem dúvida partilhado pelos membros da patrícia família dos Minikovsky, conduziu para sua eleição como Reino da Polônia em maio do qual seguiram anos. Em 1° de abril de 1683, Jan concluiu o pacto com Leopoldo I, imperador da casa dos Habsburgos, cada qual com um comitê de governantes, para vir em auxílio um do outro na

sua capital que estaria sujeita ao ataque dos turcos. Quando o exército turco tratou com Viena depois do verão, Jan apresentou lá 25.000 soldados e viu-se general de uma força multinacional assemblear para a defesa da cidade. Com uma guarnição de aproximadamente 75.000 soldados, em cujo regimento possivelmente se encontravam bravos guerreiros da família dos Minikovsky. Sobieski venceu os turcos em Kahlenberg em 12 de setembro de 1863, é considerada uma das mais importantes batalhas da História da Europa. Os turcos nunca mais penetrariam o interior da Europa Central novamente. Em casa, o governo de Jan Sobieski foi caracterizado por opulência e patrocínio de todas as artes.

O sobrenome polonês Minkow tem como origem um topônimo, deriva de um lugar chamado o "portador original de vida" ou pode ser tido como "terra". Em última instância o sobrenome Minkow deriva de Minkowce, assim, este é o nome de uma região de um distrito da Podália, na Rússia. Lá os membros da família com este sobrenome se

identificam como Minkovsky e Minkowitz. Lá estão as mais severas famílias nascidas com o sobrenome que vivem na Lituânia, Rússia e Polônia durante vinte séculos.

Entre os notáveis portadores estão o cantor russo Phineas Minikovsky (nascido em 1859), que era um descendente de Yam-Tab Lipman Heller. Minikovsky era também o sobrenome de uma nobre família polonesa da qual surgiu o grande clã Mizgada. Um descedente de sua casa, Minkow, era um bravo capitão da cavalaria, que durante o cerco a Uly em 1568, colocando sua espada sobre o portão do castelo, abriu e removeu o cânon do inimigo. De acordo com os historiadores poloneses, o clã Niezgoda era, a princípio, uma estirpe do clã Dolega, mas porque um membro depois matou seu irmão, ele foi expulso do clã. Depois do evento, a troca de linhagem do clã Dolega foi removido da sua armadura para remir para sempre seu ato ignominioso.

Um dos monumentos da corte do Reinado de Jan Sobieski é o Palácio Vila Nova, conhecido

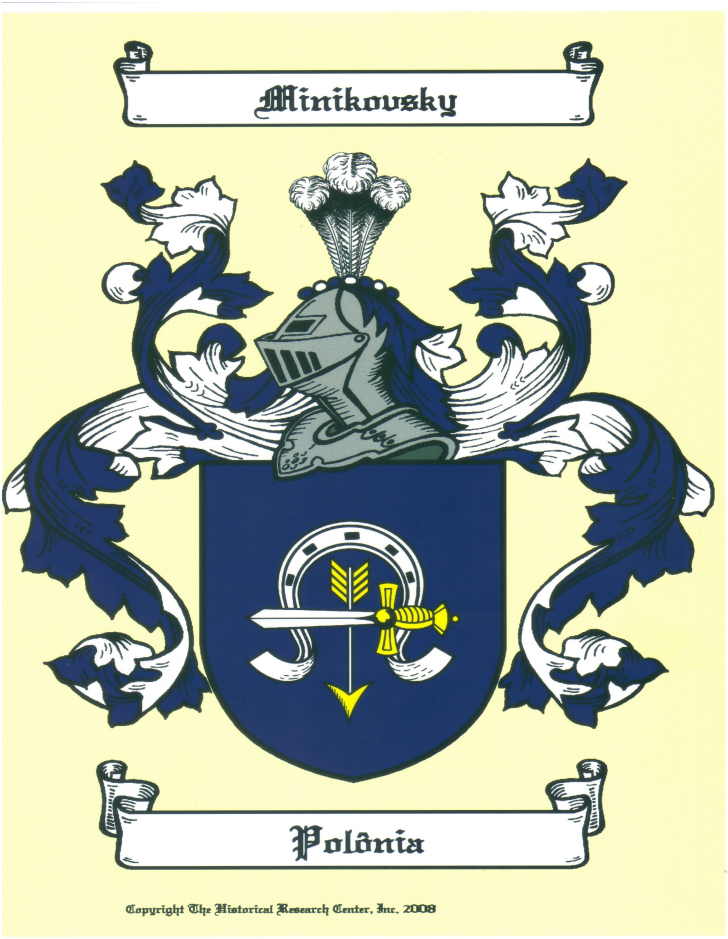
pela estima dos ancestrais do clã dos Minikovsky pelo seu nome polonês “Palac Wilanowski” com localização em torno de Wilanow próximo de Warsam. Por 17 séculos o vilarejo foi chamado Wilanowa. Seguindo sua coroação em 1677, Jan comprou a vila e ordenou a construção de uma mansão feudal para convertê-la em palácio em estilo barroco e decorado sob direção artística de sua esposa, Marysienka. O conjunto real seria chamado seu novo Palácio Vila Nova, em polonês, Wilanow. Depois da morte de Minikovsky, o Palácio Wilanowski foi mantido por várias sucessões de famílias nobres polonesas, um começo promitente para o reino. Em 1805, o palácio foi passado para o duque Stanislaw Kotka Polacki, que abriu a residência para visitantes, fazendo do palácio o primeiro museu público do país. Com o passar do tempo, o Palácio Wilanowski, é visitado todo dia, o qual porta o nome de família Minikovsky, originou ambos um museu e uma oficiala “casa de hóspedes” do governo polonês. Entre os dignitários estrangeiros

que se alegraram com o conforto do palácio estão o Xá do Irã, o Imperador Haile Selassie da Etiópia, e o Presidente Charles de Gaulle da França.

Em 20 de abril de 1881 Paul Minikovsky, fruto e imagem da nobreza polonesa arruinada pelos adventícios novos tempos capitalistas e pelos problemas políticos que assolavam a Polônia de então, embarcou, no porto de Hamburgo, no navio Valparaíso, dentre 167 tripulantes e passageiros e chegou ao porto São Francisco (SC) em 22 de maio de do mesmo ano. Trazia Josefine, a esposa e mais filhos. Contava com 45 anos de idade. Deixara a Polônia dentre outros motivos porque sua pátria foi tripartida entre o Império Prussiano, Russo e Austro-Húngaro. Ele era um deutschpolen. Bismarck perseguia o partido católico e o próprio catolicismo. O polonês não podia falar seu idioma, não podia praticar sua religião, não tinha bandeira e pagava impostos altíssimos. É que Bismarck estava unificando a Alemanha e isto gerava meteóricos encargos militares. Além disso, a Inglaterra, em plena revolução industrial, produzia com o trator e

as técnicas agrícolas avançadas produtos mais baratos do que aqueles que o produtor polonês produzia na base da enxada. Tudo isto levou Paul Minikovsky a aceitar a subvenção do governo e enfrentar a terceira classe do navio para chegar à América. Aqui chegando não ganhou terras como supõem os mais desavisados, aliás, nem um palito de dente, mas financiou o seu lote junto à Companhia Hanseática, também ela com sede em Hamburgo, Alemanha. Paul gerou Stanislaw, que veio ao Brasil com 6 anos de idade, junto com seu pai, que gerou José, que gerou Alvino, que gerou Cléverson, o autor desta Summa. As pessoas comuns vivem, nós, os bravos, resistimos.

BRASÃO DE FAMÍLIA



AUTO-APRESENTAÇÃO

Nasci em São Bento do Sul (SC) em 18 de junho de 1.979, filho de Lúcia Kulpa e Alvino Minicovski, sendo batizado na fé católica sob o nome Cléverson Israel Minicovski, nome que seria retificado na maioridade, via processo judicial na comarca de São Bento do Sul sob o n° 058.02.003544-3 cuja sentença transitou em julgado no dia 08 de outubro de 2.002, para Cléverson Israel Minikovsky, para fazer jus ao sobrenome dos meus remotos ancestrais, conquanto o nome de meu estimado pai tenha sido deturpado, no momento do registro, por um cartorário de poucas letras. Meus padrinhos de Batismo foram Estefano Kulpa e Clara Purim, ambos tios maternos e o padre celebrante foi o reverendo Rudi José Koch. Cinco anos antes de mim nasceu uma linda menina, a minha irmã Leila Morgana Kulpa Minicovski. Em 1.985 iniciei o primário na Escola Básica São José, instituição católica administrada

pelas irmãs da Congregação da Divina Providência, situada em minha terra natal. As 5ª e 6ª séries do ginásio as fiz no Colégio Estadual São Bento, administrado pelos irmãos Maristas, vizinho da Escola retro-citada. Em 19 de novembro de 1.989, na Paróquia Puríssimo Coração de Maria recebi a Eucaristia pela primeira vez, cujo celebrante foi o Pe. Nelson Tachini, o mesmo que iria ministrar a Crisma à minha pessoa e a tantos outros jovens dois anos mais tarde, por delegação do Senhor Bispo. Meu padrinho de Crisma foi o senhor Renildo Schögl. A partir de então ingressei para o internato católico, o seminário. As 7ª e 8ª séries do ginásio as fiz na Escola Apostólica Sagrado Coração de Jesus, de propriedade da Congregação dos Padres Dehonianos, em Corupá (SC). As 1ª e 2ª séries do Ensino Médio fi-las no Instituto Dehonista em Curitiba, capital paranaense, em 1.994 e 1.995, respectivamente. Finalmente, a 3ª série do Ensino Médio foi feita em Corupá no mesmo prédio de outrora, mas agora com outra Razão Social: Colégio Sagrado Coração de Jesus,

dirigido pelo Pe. João Boeing. No tempo em que fui seminarista da congregação religiosa participei diariamente da Santa Missa com Adoração duas vezes por semana além do uso da Liturgia das Horas. Da casa dos pais trouxe o costume da oração diária do terço. Na casa de minha mãe ou, dos meus avós maternos, o terço era rezado diariamente, de joelhos, em polonês. No seminário, além das disciplinas tradicionais pude estudar Português Histórico, Teoria Musical e Latim. Ainda no seminário pratiquei muito esporte e dei um duro danado na roça. De 1.997 a 1.999 cursei a faculdade de Filosofia da FEBE, de Brusque (SC), hoje elevada a UNIFEBE. Nos três primeiros semestres eu era seminarista diocesano da Diocese de Joinville, à época mui bem conduzida pelo Senhor Bispo Dom Orlando Brandes e os últimos três semestres já estava eu como leigo. No curso de Filosofia a grande maioria de meus professores eram egressos de cursos de doutoramento na área de Filosofia e Humanidades de universidades católicas européias. Em 2.000 nada fiz além de

descansar e cuidar de minha saúde, um tanto abalada pelas exageradas leituras filosóficas. De 2.001 a 2.005 cursei a faculdade de Ciências Jurídicas na Universidade da Região de Joinville, campus São Bento do Sul. Durante o curso pude escrever com certa assiduidade no periódico estudantil, o ETHICA. Em 04 de dezembro de 2.004 casei, no civil e no religioso, com Sônia Maria Varella a qual juntou ao seu sobrenome de solteira o do marido, Minikovsky. O presidente da celebração foi meu pai que foi ordenado Diácono em 22 de abril de 1.995. Em 2.006 fiz pós-graduação pela Amatra – Associação dos Magistrados do Trabalho – em Direito do Trabalho e Direito Processual do Trabalho, ano em que ingressei na Ordem dos Advogados do Brasil, seccional de Santa Catarina. Passei em dois concursos públicos: um Municipal para lotar o cargo de assistente administrativo do Ipresbs (Instituto Previdenciário do Servidor Público de São Bento do Sul) e um Estadual para trabalhar na parte administrativa do setor de Educação, na Gerei

(Gerência Regional de Educação e Inovação), mas acabei entendendo que a advocia era profissionalmente mais atrativa. Em 2.008 publiquei meu primeiro livro, seja ele, **A Filosofia e o Direito**. Também em 2.008 escrevia no Jornal Folha do Norte três vezes por semana. Em 2009 publiquei **O Imigrante Polonês** e "**Heráclito versus Parmênides:** História da Filosofia" pela editora de São Paulo Biblioteca 24x7 e, ainda, via concurso público de cultura, **A Liberdade na Trajetória Intelectual de Karl Marx**. Quando eu estava na 8ª série em Corupá eu tinha aula de Língua Portuguesa com um professor muito especial: Antônio Moretti. Mal havia começado o ano e o ilustre professor determinou que levássemos para casa como lição a feitura de uma redação dissertativa. Na aula seguinte o professor começou a entregar as redações em ordem decrescente de nota. Todos os alunos torciam para receber o quanto antes seus trabalhos porque a tendência só era cair. Quando, por fim, chegou a minha vez: depois de muitas notas vermelhas foi-

me entregue a minha redação: Dez! O professor perguntou-me: “Minikovsky, donde foi que você copiou sua redação?”. Respondi-lhe: “Eu não copiei, eu mesmo a fiz”. Remenicou o professor: “Minikovsky, pode contar donde foi que você copiou sua redação porque eu não vou abaixar sua nota”. Replicou o aluno: “Já disse que fui eu mesmo quem fez a redação”. Em tom exageradamente irônico o professor exclamou, incoformado com a resposta do aluno: “Hah, pelo jeito desta sala vai sair um escritor!!!”. Dito e feito, promessa cumprida. Deste professor e do Pe. Dr. Afonso Robl só tenho boas lembranças. Do curso de Filosofia quem me vem à memória é o Pe. Dr. Adilson Colombi. Fui Diretor do Procon do meu município e também Diretor da Ouvidoria. Sou filiado ao Partido Democrático Trabalhista e na esfera municipal sou secretário do partido. Sou ainda sócio-filiado da Associação Beneficente e Cultural Comunitária Rádio Liberdade FM de São Bento do Sul. Além de tudo o que coloquei aqui gostaria de dizer que sou um homem

profundamente feliz, ontologicamente feliz. Como costume cultivo o chimarrão, o cachimbo é meu vício e minha caneta preferida para escrever é a pilot preta de ponta fina. Como hobby tenho a prática de ser um leitor inveterado tendo passado sob os olhos milhares de obras das mais diversas áreas. Em anexo segue a lista de obras lidas na íntegra, em dez idiomas, algo mais que 10.000 obras. É IMPORTANTE QUE FIQUE BEM CLARO QUE ELAS DÃO EMBASAMENTO À PRESENTE OBRA. Sou membro da Academia de Letras Parano-Catarinense em que ocupo a cadeira de número 37. Se alguém me perguntar o que me levou a perscrutar as diferentes literaturas fundamentarei minha resposta em I Ts 5,21 "Examinai a tudo. Retende o bem". Em 2011 publiquei "**As 70 Cartas do Baralho Filosófico**: o bate-papo dos ases da filosofia", "**Contrarreforma Ético-Filosófica**: para uma nova ordem mundial epistemológica e jurídica" e **Crítica da Razão Cibernética**, ambas as três em co-autoria com o Doutor Mariano Soltys. Esta última teve a

colaboração de Patrick Vicente. Peço desculpas se alguma de minhas idéias aqui defendida fira eventualmente o ponto de vista do leitor, mas faço lembrar a frase de Max Lucado: “Quem quer comandar a orquestra tem que dar as costas ao público”. Os erros em uma obra são absolutamente perdoáveis. Como diria Rabindranath Tagore “Se fecharmos a porta a todos os erros a verdade ficará na rua”. Aliás, entre 2010 e 2011 passei por um período de conversão e quase tudo o que eu disse sobre religião nesta obra já não penso do mesmo modo. Esta é uma característica de minhas obras: quando elas são publicadas já não mais refletem meu modo de pensar. Sobre minha adesão ao cristianismo reformado e avivado trago à baila a palavra de Ben Pratt: “É tarde demais para concordar comigo – já mudei de idéia”. Sobre as críticas que virão sobre a minha pessoa cito um pensamento de Elie Fréron: “Quando um gênio verdadeiro aparece no mundo, é reconhecido por este sinal: todos os cretinos se levantam contra ele”. Para quem quer discutir minha autoridade,

recorro ao expediente de minhas leituras, pois o ter lido mais de dez mil livros é um fato e contra fato não há argumentos. Royer-Collard (1763-1845) diria: “Nada no mundo é tão obstinado como um fato”. Já não sou quem eu era quando comecei minha empreitada. Mais do que o mundo ter mudado, foi meu modo de olhar para o mundo que mudou. Oliver Wendell Holmes (1809-1894) diria: “Depois que conhece uma nova idéia, a mente do homem nunca pode voltar a suas dimensões originais”. Sobre a penetrabilidade da minha obra na mente das pessoas tenho convicção plena de que irei impactar muita gente: “É possível resistir à invasão dos exércitos, não à invasão das idéias” (Victor Hugo, 1802-1885). Eu sou responsável por aquilo que escrevo, não por aquilo que você entende. Agradeço ao George e à Val, ao Marcelo e à Janaína, ao Manolo e à Maga, ao Ivanildo e à Dani por terem sido os anfitriões de grupos de célula da Igreja. Agradeço por todo o ensinamento sobre as Sagradas Escrituras que o Manolo del Olmo me passou. Este de maneira especial teve

importante papel no meu processo de conversão, foi prodigamente usado pelo Espírito Santo para me apontar o caminho da verdade. Deus abençoe o Pastor Ademir e família. Se alguém me perguntar como foi que consegui ler tantos milhares de livros e escrever uma obra de tão grande envergadura responderei com o versículo 6 do capítulo 1 de Fp. "Pelo que nutro a firme confiança de que aquele que em vós iniciou a boa obra também a levará a êxito cabal, até ao dia de Cristo Jesus". Ou seja, Lao-Tsé simplesmente diz que "uma grande caminhada começa com o primeiro passo" e Hegel diz que "não há nada de grandioso que não tenha sido feito com paixão" e eu digo que o que fiz, não obstante as limitações e imperfeições, fi-lo em Cristo Jesus, n'Ele comecei e n'Ele terminei, justamente Ele que é o alfa e o ômega.

ORAÇÃO PEDINDO CONHECIMENTO

Senhor Deus, sou carvão bruto e só a educação verdadeira pode me transformar em diamante. Faça

de mim uma pessoa sábia, esperta, inteligente, culta, educada e atenta. Sei que o verdadeiro conhecimento se faz acompanhar da caridade. Que eu possa usar meus conhecimentos no auxílio e na salvação de outras pessoas. Que eu saiba ser luz, enriquecendo as mentes das pessoas que comigo convivem ou irão conviver. O bem mais precioso de um homem é a sabedoria. Senhor, quero sabedoria, por favor, me atenda. Que eu possa crescer no conhecimento religioso, filosófico, empírico, científico e em todas as outras múltiplas formas de conhecimento. O estudo é minha bandeira. Estudar é exercitar a alma. Quando estudamos ficamos mais perto de Deus. Que Deus me dê um intelecto privilegiado, uma mente brilhante coroada de excelente memória e infalível raciocínio. Deus, eu O agradeço pela inteligência que recebi de suas mãos. Atrevo-me a pedir ainda mais. Que o conhecimento jamais me torne uma pessoa orgulhosa. A sabedoria dos homens nada é perto de sua divina sabedoria, Senhor Deus. Envia-nos abundantemente o Espírito Santo. Peço

também que a mais sábia das mulheres, Nossa Senhora de Częstochowa, derrame sobre seus filhos suas copiosas graças. O conhecimento liberta. Estou ávido por conhecimento, seja ele humano ou divino. Permita, Senhor, que eu veja a Luz. Para que eu próprio me torne luz. Nunca falte o Pão Nosso de cada dia: a Eucaristia, a Palavra de Deus, o alimento e os bens materiais, e, por fim, o sagrado pão do conhecimento. Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado, amém.

ORAÇÃO DO ESCRITOR

Obrigado Senhor Deus, porque tenho a capacidade de abalar o mundo usando apenas uma caneta. Embora o dinheiro não me represente nada ou muito pouco agradeço pela fortuna amealhada com a venda dos meus livros. Crendo firmemente na imortalidade aprouve à sua Bondade ficar eu mais uma vez lembrado pela posteridade na medida em que parto para a eternidade, mas ficam as minhas obras. Os homens fazem a história e os

escritores a refazem. Agradeço ao Divino Espírito Santo por todos os dons com os quais me agraciou dentre eles eu mencionaria a sabedoria, a inteligência, a perseverança, a fortaleza e a iluminação. O escritor faz da caneta um mosquete a manejar aquela que foi, dentre todas, a maior invenção da História da Humanidade, a escrita. Aliás, é a escrita que inaugura aquilo que se convencionou chamar História. Rogo a Deus para que meus escritos redundem no bom aproveitamento, construção sadia da consciência alheia e iluminação das mentes, para que as mais fracas se transformem nos espíritos mais robustos. Com a graça de Deus não pretendo eu escrever livros de livros, mas livros da vida. Meus livros não têm o escopo de desmantelar a crença no Divino, muito pelo contrário, mas são genuinamente atípicos como o foram para as suas respectivas épocas as obras dos escritores criativos e originais. Senhor Deus, dá-me a amplitude de Platão, a sistematicidade de Hegel, a didática de Tomás de Aquino, o espírito especulativo de Aristóteles, a

riqueza de temas de Montaigne, de Ockham eu quero a humildade. Abençõe-me o Senhor Deus com a capacidade de síntese de Marx, com o racionalismo de Descartes e Popper, com o espírito crítico e analítico de Kant, com a ousadia epistemológica de Freud e Darwin, com a capacidade de retratar o espírito humano de Kierkgaard, Kafka e Wilde. Sim, eu gostaria de ter a fluência de Nietzsche para defender idéias diferentes das dele, a memória de Veblen, a percepção de Weber, a capacidade de impor novos paradigmas como os teóricos do Círculo de Viena, a fineza de Bergson, a genialidade de Einstein e um por cento da santidade de Cristo, se não for pedir demais. De antemão, muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado. Amém. São Francisco de Sales, padroeiro dos escritores, rogai por nós.

AGRADECIMENTOS

À Santíssima Trindade: A Deus Pai pela criação de tudo o que existe, inclusive pela minha existência e das pessoas que eu amo. A Jesus Cristo por ter aceitado ser pregado numa cruz para me dar a vida etena. Ao Espírito Santo por ter iluminado todos os meus trabalhos intelectuais e por ter me dado sabedoria e fortaleza.

Aos meus pais: Que me deram a vida e os valores indispensáveis sem os quais não podemos viver.

À Sônia, minha esposa: Pelo exemplo de amor e humanidade que ela me dá diariamente.

À Igreja Católica Apostólica Romana: Por ter constituído grandemente não só a minha vida espiritual, mas também a minha própria personalidade e formação intelectual. Foi maravilhoso enquanto durou.

À Comunidade Cristã Esperança: Que me acolheu de portas e corações abertos. Como é bom ser ovelha deste aprisco.

Ao Sr. Airton Varella: Ponte que torna minhas possibilidades virtuais em possibilidades reais, é a energia que move a máquina dos meus sonhos, dentre os quais está não apenas minha carreira de escritor, mas ainda e acima de tudo a felicidade de minha esposa e, se Deus quiser, em breve, a felicidade de meus herdeiros. Vossa Senhoria divide comigo o resultado de sua prática e eu procuro retribuí-lo divindido convosco o resultado de minha teoria.

A todos os meus professores: Despiciendo comentar os "porquês".

Ao Fídias Teles: Por ter me convidado para integrar os veneráveis e magníficos quadros da Academia Parano-Catarinense de Letras.

Ao Mariano Soltys: Colega intelectual inseparável, assim como eu, advogado e escritor.

Nota de agradecimento: uma palavra sobre o senhor Wiggers

Passei o teor desta obra para vários amigos meus antes de ela vir a lume. Mas nenhum deles dispensou tão minudenciosa atenção como aquela do Doutor Vinicyus Rodolfo Wiggers. Atarefadíssimo entre estudo, trabalho, família e tudo o que faz parte da vida de um ser humano normal, este cientista não se eludiu de examinar a redação deste tratado. Todavia, desde já ressalvo que se ainda remanescer um ou outro erro de digitação a responsabilidade não é dele, mas integralmente minha. E mesmo que várias pessoas estejam endossando

esta obra, o único representante legal e moral em relação a ela é seu autor. Sou o destinatário da crítica literária, seja ela positiva ou negativa, das eventuais demandas judiciais em relação às quais nutro a expectativa de não se concretizarem, porém, se o for o caso, não faltará causídico a patrocinar minha causa, enquanto eu mesmo integre os ilustres quadros da Ordem dos Advogados do Brasil. A acuidade visual e mental do Doutor Wiggers é realmente surpreendente. Tratou-se de um trabalho realizado sem remuneração e, não obstante isto, foi feito com dedicação e qualidade. Pelo que pude ver o engenheiro químico que se prontificou a fazer o trabalho de revisão é, não apenas íntimo da tabela periódica, mas também profundo conhecedor do vernáculo. À Vossa Senhoria dedico aquela corriqueira

e insubstituível expressão idiomática: *muito obrigado*!

UMA FRASE

"UM LIVRO ABERTO É UM CÉREBRO QUE FALA;
FECHADO, UM AMIGO QUE ESPERA;
ESQUECIDO, UMA ALMA QUE PERDOA;
DESTRUÍDO, UM CORAÇÃO QUE CHORA"

(DITADO POPULAR DA ÍNDIA).

CARTA A CÉSAR BENTANCOURT:

Vieste do Velho Mundo para fazer amizades aqui no Brasil. Deveras, teus amigos não eram poucos. Conseguiste destrancar os corações justamente dos são-bentenses, nós que somos, por vezes, tão duros com os de fora. Foste um luzeiro da cultura hispânica em nossa região. Foste um

talento mal aproveitado. Naquele dia em que vieste a minhas humildes instalações e sorvemos dois litros de mate amargo, em instante algum faltou conversa. Na tua riqueza me presenteaste com um curso de espanhol, o mejor, español. Ainda eu escrevia esta obra quando lhe convidei para escrever o prefácio dela. Afinal de contas, tu preenchias todos os requisitos de um "scholar", um erudito, enfim. Poligraduado e poliglota, de que mais eu precisava? Trabalhei intensamente nesta obra, não foram poucos os dias em que eu fiquei mais de 12 horas em frente do computador. Finalmente, a obra ficou pronta. Fui à tua procura. E então, a derradeira notícia... Tu havias partido para uma superior dimensão e eu sequer pude me despedir de ti. Com certeza agora estás entre os Santos de Deus intercedendo por nós. Quiçá esta vida mundana é para nós, aprendizes, que precisamos amadurecer muito, mas tu já estavas preparado suficientemente o bastante a ponto de estar desimpedido para a partida.

Prefácio

Dez mil teses filosóficas em uma só obra, isso, pelo que me consta, nenhum outro filósofo fez ou tentou fazer. É, sem dúvida, fruto do mundo globalizado dos dias atuais que também aqui, no momento apropriado, encontrou seu gênio que já vem de outras lavras congêneres com as quais encantou seus leitores. Agora mais esta obra vem à luz do dia para brindar seus admiradores e cultivar a "Mãe das Ciências" da qual o mundo está tão carente. Feliz São Bento do Sul que se pode orgulhar de seu filho Cléverson Israel Minikovsky.

Quase que chega a ser uma enciclopédia filosófica. Nesta Summa praticamente tudo se encontra no que tange a Filosofia. É um manual tanto de leitura agradável e substanciosa, quanto

de pesquisa para quem quiser se informar sobre os abundantes temas, conceitos e teses que apresenta e que despontam abundantes a todos os instantes em profusão ímpar ao longo de suas páginas.

Obra destinada à grandeza do sucesso que ela merece. Quis, o autor, brindar-me com a honra de ter o meu nome entre seus apreciadores e admiradores. É o que faço com respeito e veneração pelo seu esforço, sua ampla pesquisa comprovada pela profusa bibliografia que apresenta. Muito Obrigado.

Cléverson, continue. Não pare por aí. Tua verve quer mais realizações, teus leitores esperam mais de um jovem autor, mas já de tão profícuo trabalho intelectual. É como diz o poeta Castro Alves no poema O Século: "Rasgue, moço,

os nevoeiros, p'ra dos montes altaneiros ver o sol que irrompe além".

Cléverson, produza mais. Você nasceu para ser grande e iluminar grandes inteligências.

José Kormann
Professor de História
Pedagogo
Pós: Psicologia Educacional
Pedagogia Industrial
Dr. em História Moderna.

PREFÁCIO

Cléverson possui uma fantástica carga de energias. E o fato de, além de outras preocupações, despejar na escrita essa correnteza literária, chega a causar impacto. Este seu volumoso livro é de uma utilidade indiscutível. É mais do que um dicionário,

é uma Enciclopédia Erudita, sem ofuscações. Um trabalho intelectual que, porém, não complica, não obscurece. Ele não quer apenas exibir cultura humanística, ele quer ajudar a vida clareando centenas de questões, pincelando centenas de outras, e criando. Ele quer contribuir com a cultura, e extrapolar seu habitat. Pisa o chão de São Bento do Sul e voa intelectualmente além fronteiras.

É um exemplo de atitude a ser comunicada à juventude brasileira cuja grande parte é arrasada aos precipícios existenciais e espirituais.

Entre incontáveis compromissos, ele, por ser jovem, já vem dando boa contribuição ao conhecimento, inclusive quando seus trabalhos estão distantes daqueles levianos que acumulam fortunas fingindo escrever sobre filosofia.

Todavia, por mais e melhor que escreva será pressionado por entrar neste delicadíssimo território.

Pelo menos, o maior gênio da História do Conhecimento – Platão – era tão responsável, tão amante da Filosofia, que além de 10 anos de

estudos gerais, propunha mais 10 anos corridos de estudos de Filosofia e 10 anos de vivência total discretamente observada pelos sábios, a fim de se avaliar todo o comportamento diante de tudo que a vida lança em nossos caminhos, incluindo do futuro filósofo. Assim, o candidato a Filósofo deveria começar a carreira aos 20 anos de idade e ser "Diplomado" com grau máximo aos 50 anos de idade.

Claro que isto não é axiomático; serve apenas de modelo de cuidado, de zelo, dedicação, proteção e acariciamento para com a Filosofia.

Cléverson já está sofrendo pressões conforme várias vezes confessa. E está resistindo. E isso me faz nele confiar. O que me preocupa é apenas a superpressa.

Em novembro de 2009 tive o privilégio de assistir em Porto Alegre Palestra de um brilhante filósofo francês que audaciosamente está desafiando os clássicos conceitos universais da Filosofia Ocidental através da sociedade chinesa. Mas veja, ele poderia dar-se o luxo de escrever

tudo isso sem sair de Paris – capital Mundial da cultura intelectual – e não o faz. Viaja várias vezes à China. Veja quanta cautela!

Claro que nem em todos os casos tal exigência seja necessária. E já merece aplausos um jovem de trinta anos de idade que principia a florescer nos perfumosos e espinhentos jardins da escrita. Jardins formosíssimos e de uma inimaginável importância para a história do Homem.

O mundo seria muito mais atrasado se o escriba egípcio não tivesse existido!

E como escritor, o autor já está provando ser capaz, com algumas obras publicadas.

Radicalizando nestas deambulações, ele até pode sofrer alguns tombos em uma ou outra área. E aí virá o assustador desafio: ou ele decola, ou desiste.

Eu lembro Nietzsche dizendo que, para se descobrir se alguém é verdadeiramente filósofo deve-se negar a esta pessoa todas as vantagens pragmáticas materiais: emprego, dinheiro,

homenagens. Ele diz que se deve até perseguir o provável Filósofo. Então – prossegue ele – a ninhada voa da praça. Ficará de pé, sem nenhum passo atrás o verdadeiro Filósofo.

É claro que Nietzsche não raro exagerava. É só para deixar o autor deste trabalho atento. Pois depois que o Filósofo se casa com a Filosofia, ele não consegue retroceder, renunciar. Benjamin preferiu se matar.

Os caminhos da Filosofia têm inevitavelmente uma preponderante dose de sacerdócio, diria até de missão. E só o Filósofo sabe o que eles significam.

Qualquer analogia estará distante do Ser da Filosofia. Mas só em termos didáticos aproximativos, lembraríamos que não há palavras capazes por exemplo, de transmitir a dor de uma orfandade e a maravilha de um êxtase sexual produto de um amplexo integral entre dois seres que se amam.

Gosto quando o autor se solta um pouco do Ocidente e lembra a acupuntura chinesa (tese 55).

E quando relaciona o curso de Administração de Empresas e as injustiças sociais (tese 70).

Aprecio quando ele referencia Filósofos. Venho notando um grande potencial do Cléverson em História da Filosofia. Inclusive trazendo um encontro entre Demócrito, Epicuro e Heisenberg.

É digna de encômios a independência intelectual do escritor, sem deixar de reconhecer as benéficas influências que recebeu. Antes de tudo, Cléverson é um escritor da área filosófica não comum hoje em dia. É que ele é honesto, corajoso, faz contundentes denúncias, sem ser panfletário.

Inevitavelmente, em livro tão volumoso, há questões polêmicas. Relação professor/aluno, por exemplo. A construção das Pirâmides do Egito (tese 103). O uso de alguma palavra forte sobre "movimentos espirituais vindos do Oriente" (tese 790), a questão sobre a relação homem/mulher (tese 818), colocações a respeito do fenômeno cultural, são algumas (tese 2.372).

Contudo, as afirmações cultas e plausíveis ocupam a maior parte do livro.

São bem vindas as posturas ecológicas do autor, principalmente nas teses 3.861 usque 3.870. A partir daí, uma tomada de decisão explícita no que se refere ao julgamento entre católicos e protestantes. O autor, no entanto, faz autocrítica da Religião que escolhe.

Às teses 3.881 usque 3.890, é oportuno o esclarecimento sobre faculdades paranormais como propedêutica a percucientes estudos.

A partir da tese 4.091 (Filosofema), quando discorre sobre as distinções entre Filosofia e Ciências não tenho outra expressão a não ser dizer que o autor dá um show de explicações entrando pela Filosofia da mente com o mesmo brilhantismo.

Bem oportuna a referência aos Essênios (tese 3.461).

À tese 4.226 nos deparamos com a Flor. "Economia e abundância da natureza sintetizadas num único ser". Escreve o autor.

Às teses 4.451 a 4.4.460 em diante, são competentes as colocações sobre Filosofia da Ciência.

Em seguida, bem inteligentes as colocações sobre “O Homem, metáfora do Homem” (teses 4.801 usque 4.810).

É respeitável a recorrência crítica às injustiças sociais – que ele também relaciona com a Literatura a partir da tese 5.731.

Fico pensando o que escreveria ele se visse criancinhas tirando ratos do lixo para comer, como já vi em algumas metrópoles.

Muito criativa a idéia sobre porque o vôo da Filosofia se deu na Grécia, ao contrário de outros povos teocráticos. É instigante. (tese 7.541).

Admiro quando o escritor ataca o que defende, livrando-se do fanatismo, e dialeticamente exteriorizando competência. É o caso da Religião. Isso mostra fortaleza existencial. “Os buracos negros” da vida não conseguem devorar o autor. Por vezes, se formos precipitados, pensaremos que ele se rendeu. Mas não. Logo as parciais rendições externalizam a dialética antropológica, e o autor volta saudavelmente espremido com uma idéia peculiar.

A sua análise relacional entre a Sociologia e a Epistemologia é respeitável. (tese 8.961).

Sinto-me grato por várias referências que o escritor me faz, inclusive nas considerações finais do livro.

Tenho ótimo relacionamento com o genial Waldo Vieira e gostarei de lhe mostrar seu nome, justiçado pelo autor, que valoriza não só os "medalhões", mas também singelos intelectuais, como Mariano Soltys, no melhor sentido (Considerações Finais).

Enfim, julgue como se julgar, mas estamos diante de um jovem homem que deve servir de exemplo a milhões de jovens manipulados, puxados pra lá e pra cá, como se fossem dementes às gargalhadas patéticas, ou a ciclotímicas atitudes criminosas e suicidas, posto que não pensam profundo, não fazem reflexões, nem meditações, menos ainda autoanálises, e quase nunca autocríticas. Nem lêem grandes obras.

Temos no entanto ainda, milhares de grandes jovens. Precisaríamos de alguns poucos

milhões para puxar a humanidade da caverna sinistra que Platão tanto enxergou.

Cléverson Minikovsky não faz parte deste rebanho.

Em resumo, podem fazer algumas críticas negativas, pois o livro tem bem mais de 1.000 páginas.

Todavia, entre as virtudes, destacarei quatro que não podem ser negadas:

Ele é honesto, culto, corajoso e independente.

E estamos diante de um verdadeiro intelectual.

Sucessos e um grande abraço.

Florianópolis- SC, 11/12/2009.

Fídias Teles – Filósofo, Antropólogo, Sociólogo, Poeta, Artista, Professor de Mestrado, Doutorando em Educação, Escritor, autor de dez livros.

Prefácio

De início, o livro que está em sua mão agora é uma obra prima da maior envergadura. Não apenas pelo tamanho incomum, mas pela profundidade em que os assuntos são abordados, reflexo do gênio que a escreve. Cléverson Israel Minikovsky é um pensador que merece a nossa atenção, antes que seja mais um injustiçado, como foram tantos filósofos do passado. Deste modo, devemos espalhar esse livro entre escolas e universidades, a fim de renovar o padrão educacional geral, antes que sejamos apenas repetidores de ideias sem ideal e sonho. É uma enciclopédia, sendo o título uma

quase comparação a obra de Tomás de Aquino, apesar de a variedade de assuntos da presente ser incomparável ao que até hoje conhecemos.

Logo ao escolhermos um tema ao que nos identifiquemos, em meio a 10.000 teses, encontramos qualquer coisa que procuremos, vencemos o monstro Minotauro no labirinto do conhecimento. Não há dicionário tão completo, não há nada que se compare a essa pérola literária que agora temos à mão. Esse eurodescendente polonês, certamente de genética defensora dos preceitos darwinianos, uma vez que encontramos nele evolução de toda uma geração, ápice do nosso tempo. Quem esperaria que daquele imigrande polonês, Paul, restaria um escritor de renome como

Cléverson, que trabalhou incessantemente durante dias e chegando a cansar sua vista em tela de computador, bem como ler mais de 10.000 livros sem pausa, a fim de nos oferecer de presente todo esse conhecimento, sem que tenhamos de perder muito tempo em pesquisa. O nosso tempo reservou um conhecimento enlatado e tudo o que temos aqui é a superação desse paradigma cruel, e, este livro é raro, talvez esteja em extinção. Para que sejamos novas pessoas, melhores em espírito e conhecedores de algo que realmente melhores nossa existência, onde não sejamos presa de uma pedra imóvel como Narciso, refletindo em nós mesmos algo que não transcende o nosso reflexo distorcido, devemos analisar e pesquisar esse

livro, tanto em trabalhos acadêmicos quanto por mera curiosidade e diversão.

Para tanto, logo que vi a obra pela primeira vez, pesquisei assuntos gerais, como o nome de Jesus ou cristianismo, encontrando prontamente muitas informações que antes não tinha, em amplitude e síntese que antes não vi. Em uma palavra estranha, *Pantocrator,* vi o que chamamos de Todo Poderoso, explicando-nos o autor toda a nuança do significado dessa palavra, assim como explica e desvela inúmeras palavras, o que nos enriquece o vocabulário, apenas pelo fato de tomar e ler poucas linhas. Detalhes sobre seitas judaicas, ao tempo de Jesus, bem como trechos do evangelho que não costumamos

interpretar, são-nos dados sob uma ótica de grande respeito, devolvendo-nos uma catolicidade perdida e que ressurge com força e carisma. Ele fala também dos essênios, aquela seita de aparentes médicos que tinham costumes de purificação e da qual atribui o autor Jesus fazer parte, o que concordo, e, que notamos herdar costumes como a ceia e batismo na água. Depois de encontrados aqueles escritos no deserto de Qunran, muita coisa poderia ter mudado, mas estamos tão fixados em dogmatismos, que o misticismo não nos impacta como deveria o fazer entre os seguidores e crentes daqueles tempos. Mas as palavras de Deus são exatas, seja em escritos reconhecidos ou apócrifos (os